

O que ficou do “Fora Collor”, quinze anos depois?

Márcia M C M Fantinatti¹

Bruno G. Pereira²

Juliana M. Ribeiro³

Resumo

A presente comunicação contempla resultados parciais de pesquisa desenvolvida junto à Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC - Campinas) intitulada “Uma nova Rede Globo: Análise das transformações – no discurso e na imagem social – das Organizações Globo”. Apresentamos reflexões sobre pesquisa de opinião realizada entre estudantes de Comunicação Social a respeito do “Fora Collor”, importante movimento popular que se deu em 1992 e reivindicava a saída, da presidência da República, de Fernando Collor de Melo, cujo suposto envolvimento em esquemas de corrupção era alvo de uma CPI. Também destacamos a imagem social e a credibilidade do Jornal Nacional, da Rede Globo junto a estes entrevistados, numa perspectiva comparativa às opiniões de profissionais que foram estudantes de comunicação no período conhecido como “Nova República”.

Palavras-chave: Rede Globo. Mídia. Opinião pública.

¹ Jornalista, doutora em Ciências Sociais, professora da Puc-Campinas, co-editora da Revista Comunicarte. E-mail: marcia_fantinatti@puc-campinas.edu.br

² Aluno de Jornalismo. Bolsista de iniciação científica Puc-Campinas.

³ Aluna de Jornalismo. Bolsista de iniciação científica Puc-Campinas.

Abstract

The present communication contemplates partial research results developed at Pontifical Catholic University of Campinas (PUC-Campinas) entitled: “A new Rede Globo: Analysis of the transformations – in speech and in social image – of the Globo Organizations”. This research presents and discusses an opinion survey of current Social Communication students regarding “Fora Collor”, an important popular movement that took place in 1992 which vindicated Fernando Collor de Melo’s resignation as the Republic’s presidency, and whose alleged involvement in acts of corruption resulted in a parliamentary commission of inquiry (CPI). Additionally, the study focuses, on a comparative basis, on the opinions of students and of current professionals of the communication area (that were students during the period know as the “Nova República”) regarding the social image and the credibility of the “Jornal Nacional”, of the “Rede Globo”.

Keywords: Globo Network. Media. Public Opinion.

Introdução

assaram-se cerca de quinze anos desde a renúncia de Fernando Collor de Melo à presidência, por temor à cassação de seu mandato. Já quase não se ouve falar a respeito dos fatos que marcaram aquele período. Julgamos, a despeito desse esquecimento, que o ‘fenômeno Collor’ - compreendido desde a ascensão à presidência, de um candidato pouco conhecido e pertencente a um partido político recém criado⁴ e sem tradições até a queda, em meio a protestos massivos, movidos

⁴ PRN (Partido da Reconstrução Nacional).

pelo descontentamento popular provocado pelas denúncias de corrupção, somado à política econômica que produzira confisco de cadernetas de poupança, arrocho salarial, desemprego e recessão – está repleto de facetas capazes de suscitar, ainda, inúmeras reflexões sobre mídia e poder. Principalmente pelo fato de, a maioria das ‘peças-chaves’ daquele contexto continuar ativa, contemporaneamente – em que pesem deslocamentos diversos ou até inversão de correlação de forças no campo político partidário.

Partindo da convicção de que os mecanismos de formação de opinião pública, no Brasil, continuam perpassados pela presença ainda marcante de uma grande rede de tevê, a Rede Globo, e pelo fato do Projeto Memória Globo ter lançado livros⁵ que retomam o período da Nova República⁶, dentre outros, e o recontam segundo versões laudatórias ao telejornalismo da emissora, incluímos em nossas entrevistas referências explícitas à emissora, ao levantar o nível de conhecimento a respeito do “Fora Collor”.

Quanto à metodologia de coleta de dados, a pesquisa entre estudantes de Comunicação Social, obedeceu a um roteiro de entrevista, contemplando: a) seção voltada ao nível de

⁵ Referimo-nos, em particular, ao livro *Jornal Nacional: A Notícia faz história* (2004).

⁶ A fase de transição democrática que marcou o período pós ditadura militar no Brasil ficou conhecida como “Nova República”. Teve início a partir de 1985, com a eleição, por voto indireto de Tancredo Neves e José Sarney para Presidência da República e vice-presidência. Seguiu-se um processo de institucionalização de mecanismos visando o restabelecimento do sistema democrático que contou, entre outros fatores, com a instalação de assembléia constituinte (1988-1989) e convocação de eleições diretas para presidente, realizadas a partir de 1989.

conhecimento sobre o “Fora Collor” e as acusações feitas à Rede Globo à época (de omissão em relação ao movimento, em seus telejornais); b) seção voltada à sondagem sobre o principal telejornal – o Jornal Nacional –, no que se refere à respectiva aceitação e credibilidade. Nosso levantamento de dados e opiniões teve a preocupação em identificar tendências, situando-se no terreno da pesquisa qualitativa⁷. Os profissionais (ex-estudantes) responderam apenas à última seção de questões.

Síntese comentada dos resultados obtidos nas entrevistas

Iniciamos perguntando aos 16 estudantes selecionados para compor nossa amostra, o que sabiam a respeito do “Fora Collor”. A partir das respostas obtidas, verifica-se que a maioria é capaz de se referir ao objetivo principal da campanha, que ganhou grande adesão popular: desejava-se que o presidente Fernando Collor de Melo fosse afastado do cargo. Alguns trechos das respostas:

“Sei que foi um movimento que exigiu o impeachment do presidente Collor, o primeiro presidente eleito por voto popular, pelas eleições diretas. O primeiro que assumiu, realmente, o

⁷ Entrevistamos 16 profissionais (ex-alunos) e 16 alunos de cursos de comunicação (Publicidade Propaganda; Jornalismo e Relações Públicas), escolhidos por critério de amostra não-probabilística. Mesmo sem pretensão estatística, a escolha foi ao acaso, nas intermediações dos cursos, em Faculdades de Campinas. Utilizamos abordagens extensas, em metodologia classificada como “entrevistas em profundidade” (MARCONI & LAKATOS, 1982), de abril a maio/2007. Para preservar-lhes a identidade, lançamos numeração, substituindo os nomes.

mandato e ficou nele. O residente anterior morreu, e sei que foi com muita concentração ali por 92” (Estudante 15).

“Ah! Foram os caras pintadas, né? Foram pras ruas, para tirar ele do poder. E conseguiram. Pelo mesmo dessa vez, o povo teve vez” (Estudante 14).

Segundo pudemos constatar, a motivação principal para os protestos também é conhecida pela maioria dos entrevistados. Embora alguns entrevistados tenham respondido nada saber e/ou lembrar a respeito:

“Não sei, não lembro...” (Estudante 5).

“Hummm, não vou saber te responder” (Estudante 2).

Porém, as respostas mais completas representaram a minoria. E apresentaram algumas imprecisões. Segue-se um exemplo:

“O Collor estava envolvido em muitos escândalos de corrupção, o caso dos Marajás e aí assim, com todos os absurdos e contradições que tinham no governo Collor, teve um levante popular intenso, focado muito na força sindical e na força estudantil, o movimento sindical e o movimento estudantil estavam muito fortes, pedindo o impeachment presidencial” (grifos nossos) (Estudante 15)

Em outras respostas, percebe-se que os entrevistados têm apenas informações generalizadas sobre o descontentamento da população:

“Que ele confiscou o dinheiro de todo o Brasil, ele roubou, e houve o impeachment⁸, ele foi impedido de governar” (Estudante 16).

“O ‘Fora Collor’ foi porque o Collor foi acusado de corrupção” (Estudante 12).

“O movimento foi após denúncia dos desvios de dinheiro, desvios do Collor junto com o PC Farias” (Estudante 13).

“Ele saiu em 1992 e entrou Itamar. Saiu por corrupção. O irmão do Collor o denunciou, mas até hoje ele se diz inocente” (Estudante 9).

Em algumas das respostas, o movimento “Fora Collor” teria sido ‘alavancado’ pela Rede Globo; a emissora de tevê teria apoiado a população:

“O “Fora Collor” foi um movimento logo após as denúncias contra o Collor. Mais uma vez, mantido pela Globo, alavancado pela Globo, que teve uma grande participação da população, que saiu às ruas pedindo o impeachment dele. Foram vários protestos” (Estudante 11).

“(…) grupos, inclusive a Globo, apoiaram a população e outros partidos para o impeachment do Collor” (Estudante 10).

Essa concepção chama a atenção pois, à época, a postura dos proprietários e/ou da cúpula da Rede Globo era alvo de desconfianças e críticas, por ter apoiado Fernando Collor em sua ascensão ao poder. E a emissora teria tido um papel tímido na cobertura jornalística das denúncias contra o governo Collor (BUCCI, 1996); (CONTI, 1999).

⁸ Collor não esperou a votação do impeachment. Ele renunciou ao cargo. Porém, a versão segundo a qual ele teria sido afastado graças ao impeachment é muito difundida.

Perguntamos se os entrevistados sabiam em que ano teria sido realizado o “Fora Collor”. Metade dos entrevistados respondeu acertadamente o ano de 1992. Os demais erraram, afirmaram não se lembrar ou não saber responder:

“Puxa...(pausa), não lembro mesmo!” (Estudante 5).

“Ah! não sei... Eu tinha dois anos, como eu vou saber! (risos)” (Estudante 2).

Em seguida, perguntamos a cada um, qual o outro nome pelo qual esse movimento ficou popularmente conhecido. Metade dos entrevistados respondeu “Caras pintadas”. Outra metade, não foi capaz de se lembrar. A motivação para o nome – ligada ao movimento estudantil – aparece em algumas respostas:

“Chamava-se ‘Movimento dos Caras Pintadas’, por causa dos estudantes, que saíam às ruas protestando com o rosto pintado” (Estudante 15).

“Foi quando uma grande parte dos brasileiros - principalmente os estudantes, que pintaram a cara - pedindo impeachment do Collor” (Estudante 7).

Em alguns depoimentos, as respostas vêm como memória:

“Eu sei que quando eu era pequeno as pessoas na rua pintavam a minha cara de preto para eu gritar fora Collor” (Estudante 6).

Para checar o quanto nossos entrevistados saberiam contextualizar o “Fora Collor” no quadro político partidário da época, pedimos que citassem três personalidades que julgavam terem sido contrárias ao movimento “Fora Collor” e outras três que lhe teriam sido favoráveis. Metade dos entrevistados não soube citar

nenhum nome. A outra metade chegou a fazer algumas tentativas, mas nenhum dos entrevistados citou os seis nomes requeridos na questão que lhes foi formulada. Na resposta com o maior número de nomes – quatro foram citados - havia somente nomes de favoráveis ao “Fora Collor”.

“Acho que eu não sei. Aí é mais difícil lembrar. Eu sei que o irmão do Collor era (a favor do) “Fora Collor”, o Pedro Collor queria o impeachment. Mas não sei dizer com certeza, de personalidades famosas. É, o Chico Buarque era “Fora Collor”, o Gilberto Gil, o Caetano. Não lembro quem era a favor dele, a favor do presidente” (Estudante 15).

Esse momento da entrevista esteve entre os que provocaram grande hesitação; as afirmações eram feitas sem convicção:

“Eu não diria que o Armando Nogueira era necessariamente a favor do Collor, mas pelo que eu me recordo naquele momento... Bem, não sei” (Estudante 8).

Outro entrevistado, na falta de exemplos, indicou o próprio presidente Fernando Collor como uma das personalidades contrárias a sua saída:

“Favorável: Luis Inácio Lula da Silva. Não me lembro de outras personalidades. Contrárias: Fernando Collor e Paulo César Farias” (Estudante 13).

Numa das respostas, aparece a convicção segundo a qual os favoráveis à permanência de Collor escondiam essa condição, tamanha a mobilização pela saída do presidente do poder.

Destacamos, abaixo, trechos dessa entrevista. É bastante pertinente essa percepção. Diferentemente do embate eleitoral entre Lula e Collor, em que as preferências por um ou por outro candidato geravam acalorados debates, no momento em que eclode o “Fora Collor”, muitos dos que haviam ajudado a eleger Collor estavam arrependidos e/ou envergonhados. Note-se, porém, que os exemplos citados por esse entrevistado como favoráveis ao “Fora Collor” não estão corretos:

“A favor do “Fora Collor”: Pedro Bial, Silvio Santos e Glória Menezes; Contra, não conheço ninguém, porque naquela época era uma grande mobilização para o Collor sair. Mesmo quem foi contra, escondeu essa posição, pelo levante popular da época” (Estudante 11).

Passamos, então, a uma questão mais diretamente relacionada ao papel da mídia, naquele episódio. Perguntamos se conheciam as críticas dirigidas ao jornalismo da Rede Globo na fase de denúncias de corrupção no governo Collor. A maioria dos entrevistados respondeu nada saber a respeito. Aos que afirmaram conhecer as críticas à Globo, pedimos que contassem o que conheciam. Notamos, então, que um dos entrevistados havia se confundido; referiu-se ao debate entre Lula e Collor e não ao “Fora Collor”:

“Sei que teve uma edição de um debate favorável ao Collor, a partir de um colega meu, que sempre explica essas informações a respeito de política” (Estudante 12).

Uma resposta expressa a opinião segundo a qual o papel da Globo teria sido semelhante ao de outras ocasiões em que movimentos populares e/ou reivindicativos ocorriam: superficial e protegendo o governo:

“É similar aos outros casos: a Rede Globo é acusada de fazer uma cobertura superficial, diminuindo os fatos, sendo meio apologética ao Collor” (Estudante 15).

A superficialidade ou timidez da cobertura jornalística do “Fora Collor”, de fato, estava entre as características apontadas a respeito da Globo.

A partir de outra resposta obtida, verificamos uma opinião também bastante generalizada: a Globo teria tido uma postura oscilante: ora favorável, ora desfavorável, a Collor, variando conforme ampliavam-se protestos públicos contra o presidente; conforme intensificavam-se os trabalhos da CPI, com sucessivas confirmações das denúncias de corrupção contra aquele governo:

“A Globo foi bem contraditória. Quando o Collor tava em cima, durante as eleições, eles foram totalmente a favor dele, pelas propostas do Collor irem mais de acordo com os interesses da Rede Globo, do que as do Lula, que era mais radical, de esquerda. Assim, ela denunciou (Collor) através de uma denúncia programada. Eles colocam no ar o que era realmente mais interessante para eles. Depois que eles viram que a manifestação estava crescendo, mudaram totalmente de lado, ficaram contra o Collor” (Estudante 11).

Alguns generalizaram, arriscando opiniões sem embasamento em fatos, centradas em percepções subjetivas, em

relação à emissora, em particular, ou sobre o papel dos meios de comunicação, como um todo:

“Eu conheço através do que foi falado em aulas, na faculdade, amigos, Internet. A Globo manipulou informação (...)” (Estudante 10).

“Não conheço, mas eu acho que a Globo não deu muita importância porque foi ela mesma que colocou o Collor no poder; foi uma criação dela, então, ela não fez uma cobertura boa, em comparação com as outras emissoras. Ela falou do fato, mas acho que não foi assim tão... perante as outras emissoras, que deram mais ênfase a isso, ela não” (Estudante 6).

“Houve alguma manipulação? Eu não sou daquelas pessoas que idolatram televisão. Muito menos a Rede Globo!” (Estudante 4).

“Vem da Globo? É ‘roubada’, né?! Defendeu os interesses dela” (Estudante 3).

“(...) aprendi muitas coisas novas na faculdade que, antes, eu nem desconfiaria. Principalmente sobre a manipulação da política. É claro que existem algumas exceções, nem tudo é manipulado. Mas eu acho que quase sempre a intenção é manipular” (Estudante 1).

Para finalizar, perguntamos se conheciam o livro ‘Jornal Nacional: A Notícia faz história’. Todos afirmaram já terem ouvido falar sobre a publicação. Mais especificamente, perguntamos se haviam lido ou tinham informações a respeito dos trechos dedicados à ação do Jornal Nacional durante os desdobramentos da CPI que investigava as denúncias de corrupção e o crescimento das manifestações de rua por “Fora Collor”. Nenhum dos entrevistados tinha conhecimento dessa parte do livro. Comparativamente aos episódios como a cobertura do “Diretas já” e a edição do debate

presidencial de 1989, em relação ao movimento “Fora Collor”, o papel da Rede Globo não ficou tão clara ou marcadamente tachado como tendencioso. Ao contrário. Embora o telejornalismo da emissora não tenha sido responsável por nenhum furo de reportagem, um item de sua teledramaturgia é tido como relacionado diretamente aos movimentos de rua pelo “Fora Collor”. Trata-se da minissérie ‘Anos Rebeldes’. Segundo alguns pesquisadores, pode ter havido relação entre a ficção e a realidade, no que se refere a protestos estudantis como parcela significativa do movimento “Fora Collor”.

A credibilidade do Jornal Nacional e da Rede Globo no período atual

Seguimos entrevistando os 16 estudantes de comunicação social; adentrando uma nova seção de questões, relacionadas ao presente e deixando, por ora, o tema “Fora Collor”. Paralelamente, realizamos entrevistas com outra amostra, também composta por 16 respondentes, esta, no entanto, composta por profissionais da área de Comunicação Social que foram estudantes universitários, à época da chamada “Nova República”; supostamente, vivenciaram o período final do regime militar e os primeiros anos de redemocratização brasileira. Ao final, realizamos um balanço comparativo entre as formas de encarar a maior emissora de tevê brasileira entre essas diferentes gerações de estudantes de

comunicação. A seguir, iniciamos pela apresentação dos resultados das entrevistas com estudantes.

Pedimos a cada estudante que atribuisse uma nota ao Jornal Nacional, da Rede Globo, no que se refere à credibilidade da editoria política, justificando com fatos o seu conceito⁹. As respostas variaram de 2,5 a 10,0. Ninguém atribuiu nota zero à credibilidade do telejornal. Um dos entrevistados não quis opinar; outro, atribuiu-lhe a nota máxima: 10, sem especificar suas motivações, nem citar exemplos: “A nota seria 10 (Estudante 4)”. Três entrevistados deram nota 7,5 e outros dois, deram 8,0 (grande credibilidade) ao Jornal Nacional:

“É um jornal de grande credibilidade: 7,5. Quando caíram as ‘torres gêmeas’, deu uma boa cobertura, fez uma boa reportagem” (Estudante 6).

“Daria 7,5, porque eles são pouco formadores de opinião” (Estudante 4).

“Assim, numa escala, seria grande credibilidade, acho. Mas não total, não total. Então é 7,5” (Estudante 14).

“Uns 7, 8. Acho que (o Jornal Nacional) fala de todos os assuntos, interessa a muita gente. Apesar de às vezes dar foco para coisas menos importantes, acho que acaba falando de tudo” (Estudante 16).

“Nota 8. Em certas coisas tem parcialidade, principalmente em caso de política” (Estudante 13).

⁹ Sugerimos a utilização da seguinte Escala: 0 = nenhuma credibilidade; 2,5 = pouca credibilidade; 5 = credibilidade média; 7,5 = grande credibilidade; 10 = credibilidade total.

A nota 5,0 (credibilidade média) foi atribuída ao Jornal Nacional por cinco estudantes. Entre as críticas, aparecem referências ao sensacionalismo e à parcialidade e ao aspecto entretenimento ‘misturado’ à informação. Exemplos:

“Acho um Jornal pouco completo, e com um enfoque muito tendencioso, virou do lado da direita. E ultimamente vem se “sensacionalizando” demais, com casos de violência pública, de apelo a casos de interesse público. Nota: 5, credibilidade média” (Estudante 11).

“Nota 5, porque eu acredito que tenha muitas edições, que eles alteram alguma coisa. Às vezes, algum sensacionalismo, não sei direito” (Estudante 5).

“Acho que 5, credibilidade média, porque eu acredito que ele é um jornal parcial, ele tem o partido dele. Eu não acho que ele divulgue as notícias democraticamente, sabe?” (Estudante 2).

“Daria nota 5, média credibilidade, porque a Globo não passa a notícia por inteiro, não tem comentários, e os poucos comentários que tem, vêm do editorial, que é do Arnaldo Jabor, que aliás eu gosto. Também a Globo, principalmente o Jornal Nacional, eles misturam muita notícia. Tem uma notícia de guerra, depois tem uma de esporte, depois volta para uma notícia de governo, então isso é mais um entretenimento pra população do que informação. Por exemplo, a matéria-cobertura (da visita) do Papa, que foi mais entretenimento do que informação” (Estudante 10).

As notas mais baixas, 2,5 a 3,0, foram dadas por quatro entrevistados. A desconfiança em relação às visões transmitidas, e,

novamente, as possibilidades de haver manipulação, bem como o apelo ao sensacionalismo aparecem:

“Assisto muito raramente, porque sei o que eles fazem. Por isso, têm pouca credibilidade. Eles estão interessados em audiência, assim como todas as emissoras, mas como é o jornal que atinge a grande massa, eles têm possibilidade de manipular. Por exemplo, o ‘Dossiê contra o Lula’, foram 15 min. de informações e não deram o acidente com o Boing da Gol” (Estudante 7).

“Eu daria uma nota 3, no máximo. Ele só serve para te informar a existência de um fato relativo àquela situação. Porém, a cobertura, a visão e conclusões sobre esse fato nunca eu iria tirar assistindo algo que foi informado pela Globo” (Estudante 15).

Se a parcialidade é apontada por alguns como um mal, a falta de um jornalismo mais opinativo aparece como ponto fraco do Jornal Nacional:

“Eu colocaria 2,5, porque eu me revolto muito com isso: a gente tem dois apresentadores, com excelente competência, mas não emitem opinião, não opinam. Eu sei que não depende deles, depende da política empresarial que esta por trás (...). Tudo bem que uma ‘careta’ informa, um ‘jeitinho’ assim, de cabeça, negativo, informa. Nas pequenas coisas, acabam informando, mas a maioria acaba não percebendo isso. E você tem a possibilidade de falar para milhões de telespectadores. Eu costumo dizer que vejo muito o jornalismo como uma prestação de serviço, como uma questão de educação. E eu acho que o Jornal Nacional, neste ponto, não contribui” (Estudante 8).

A rapidez das edições também pesou nas avaliações de quem atribuiu baixa credibilidade ao Jornal Nacional. Assim como o pouco aprofundamento das informações, o conteúdo *‘ligh’* ou matérias de duvidoso interesse público:

“Acho muito rápido. Se você começa a assistir o Jornal Nacional, você vê a primeira matéria, vai para a segunda e quando está na terceira, já não lembra da primeira e da segunda. Acho um texto muito rápido, não passa um conteúdo, passa informação, mas ao mesmo tempo, não passa. (...) então, é assim, aqueles jargões de sempre, aquela política do jornal, de sempre acabar com esportes, aquela coisa bonita, tudo sadia para ir para a novela” (Estudante 8).

“Quem estudou sobre ela (Rede Globo), até sabe que tem outros jornais melhores do que a Globo. Sabe que não levam as matérias pelo sensacionalismo. Houve uma vez que passou (no JN) a matéria da Xuxa, quando a filha dela nasceu. O que isso tem de informação de interesse público? Nada a ver, ela transmitir isso!” (Estudante 1).

Aprofundamos nossa indagação pedindo que opinassem se a cobertura, pelo Jornal Nacional, das últimas eleições presidenciais (ocorridas em 2006) poderia ser classificada como equilibrada entre os candidatos ou desequilibrada (variando o tratamento dado, conforme o candidato ou sigla partidária). Para sete dos entrevistados, as edições foram equilibradas, sem favorecimento a nenhum dos candidatos. Alguns exemplos:

“Teve equilíbrio. Não favoreceu ninguém” (Estudante 3).

“Eu achei equilibrada. Assisti o debate e tudo o que passou e achei equilibrada” (Estudante 2).

“Eu não assisti nenhum debate. Mas eu acho que nestas eleições não teve maiores problemas de falar mais de um. Pelo que eu vi, não teve problemas mesmo” (Estudante 6).

“Equilibrada. Achei legal o esquema que eles seguiram. Não achei que favoreceu algum candidato. Estava democrático” (Estudante 4).

“Equilibrada. Também, eu não sei se eu opinaria bem nessa questão, porque eu acompanhei pouco essa questão. Mas aquele programa que ela fez de andar o país inteiro com o carro da Globo, de norte a sul, isso aí foi entretenimento, mas foi informação também” (Estudante 10).

Na opinião dos demais, não houve equilíbrio. Destes, parte achou que o telejornal ‘apoiou’ Geraldo Alckmin (PSDB) ou desfavoreceu Lula (PT):

“Foi a favor do Alckmin. Desabonaram bastante o Lula, através das reportagens que favoreciam bem o Alckmin, com o enfoque que eles deram à visita do Lula à população. Teve também a entrevista com o Lula que ficou bem famosa em que eles fizeram questão de focar o que realmente estava desfavorecendo o Lula, que era o caso do ‘mensalão’. Perguntas tendenciosas. Apoiaram o Alckmin, o tempo todo” (Estudante 11).

“Acho que foi desequilibrada, porque foi contra a reeleição do Lula. (...) Eu acho que apoiou o Geraldo Alckmin, não sei explicar por que” (Estudante 5).

“Não acompanhei as eleições. (...) Para mim eleição é um circo. Mas mesmo assim, eu acho que pelo o que eu assisti do jornal, indiretamente eles meio que deram um ‘fora’ no Lula, elas estavam apoiando o Alckmin”. (...) Tinha muita propaganda que falava da corrupção do Lula, durante o Jornal (Nacional)” (Estudante 16).

“Desequilibrada. ‘Descascaram’ muito o Lula. Criticaram-no com certo exagero. (...) Desabonaram o candidato Lula. Quando faltou

ao debate, o Jornal Nacional ficou ofendido e passou a criticar mais. Quanto ao apoio, não apoiou nenhum candidato de forma direta” (Estudante 13).

“Desequilibrada. A Globo fez a mesma coisa que fizeram no passado com o Lula e Collor, favorecendo nas últimas eleições o Alckmin. Porque ao invés de cortar os erros do Lula, eles quiseram mostrar que ele era sem informação. Mostraram as piores características do Lula, para evidenciar o mito de que ele é burro e tal. (...) Com certeza, ela foi desequilibrada. Em momento nenhum ela apoiou o Lula, só apoiou o Alckmin” (Estudante 1).

“Não senti um apoio direto. (...) senti um apelo contrário ao Lula, que era o presidente tentando se reeleger. Percebi, sim, que a Globo tinha um movimento muito contrário (ao Lula). Apesar de que já sinto a Globo muito mais cautelosa nas posições dela. Agora ela já não é mais tão explícita quanto na época do Collor, que era realmente anti-Lula. Ela não é como, por exemplo, a Revista Veja, que é completamente anti-governo, no caso, que é um governo de esquerda. Hoje em dia, nas últimas eleições, senti a Rede Globo muito mais cautelosa, com uma preocupação maior de se mostrar imparcial. Mas mesmo assim, para quem prestar um pouco mais de atenção vai perceber que ela continua sendo parcial. (...) o Jornal Nacional, dentro da linha editorial da Globo, ele tinha uma postura levemente anti-governo” (Estudante 15).

Houve um dos entrevistados que julgou que as edições beneficiaram Lula (PT), uma vez que muitos de seus erros teriam sido encobertos pela emissora:

“Se tivesse sido equilibrada, o Lula não tinha ganhado, eu acho, porque eles fizeram a ‘caveira’ de todo mundo. Do Lula, só passaram o que foi interessante para ele. Favoreceu o Lula. Apesar

de que não sei se falassem exatamente o que aconteceu, o povo mudaria. Não posso falar com certeza que foi a Globo que colocou o Lula lá. Mas não tem como negar que muita gente é influenciada pela Globo, pela tevê. E a Globo nunca estampou o que aconteceu realmente: muita coisa que o Lula fez, a Globo encobriu, sabe?” (Estudante 14).

Segundo o raciocínio exposto por um de nossos entrevistados, houve a busca de equilíbrio na forma de tratamento dada pelo Jornal Nacional aos candidatos. No entanto, eram perceptíveis as preferências da emissora por um dos candidatos. Preferência que teria oscilado, conforme variavam as respectivas chances de ser eleito, reveladas pelas pesquisas de intenção de voto:

“Eu acho que o JN nessas últimas eleições, pelo menos tentou dar o equilíbrio entre os candidatos, eu achei muito bacana, todos os candidatos virem até o JN e dar uma entrevista de 10 minutos. Eu achei bem democrático, a tentativa foi válida, mas eu acho que poderia ser muito melhor, ficou muito na superficialidade. (...) Quando o Alckmin começou subir nas pesquisas, a Rede Globo começou a atacar muito o Lula, indiretamente. As pessoas no geral não têm esta percepção, são nas pequenas coisas e desde um enfoque, um olhar, de um gesto. Mas quando o Lula retomou, foi para o segundo turno e disparou, daí eu já achei que a Rede Globo tendeu para o Lula de novo. Porque queira ou não queria a Rede Globo depende de um presidente da República, e o presidente depende da Globo. (...) (Estudante 8).

Encerramos, aqui, o relato a respeito das entrevistas com os estudantes e passamos à apresentação de trechos das realizadas com

ex-estudantes. Junto a estes entrevistados, também pedimos que dessem uma nota ao Jornal Nacional, no que se refere à credibilidade da editoria política, justificando com fatos o seu conceito. Entre os 16 ex-estudantes de comunicação social, obtivemos uma pequena variação entre as respostas. Nem todos os entrevistados conseguiram se lembrar de algum exemplo concreto que sustentasse suas opiniões. Um respondente preferiu não avaliar o Jornal Nacional por notas; dois dos entrevistados atribuíram nota 7,5; um entrevistado atribuiu nota 6,5; outros dois atribuíram nota 6,0; a nota 5,0 foi atribuída por dois entrevistados; outros dois atribuíram a nota 2,5; a nota 2,0 também foi dada por dois entrevistados; um respondente atribuiu nota 1,5 e a nota zero também apareceu: foi dada por três dos entrevistados. Assim, pouco mais da metade dos entrevistados situou o Jornal Nacional abaixo da nota 2,5. A outra metade atribuiu-lhe de 5,0 a 7,5. Nenhum dos entrevistados conferiu a nota 10 ao telejornal. A nota zero (credibilidade nenhuma) apareceu nos depoimentos, associada principalmente aos critérios de edição no jornalismo. De modo geral, todos os que atribuíram notas de zero a 2,5 enfatizam o caráter tendencioso, a manipulação da informação, como base para justificar a avaliação que fazem do telejornal:

“Para mim, ele (Jornal Nacional) não tem credibilidade nenhuma (...) porque eu não acredito no Jornal Nacional. Eu sempre assisto sabendo, duvidando... ‘por que eles estão fazendo isso? Alguma coisa tem aí!’ ” (Ex-Estudante 3).

“Daria nota 2,0. Para mim, não tem muita credibilidade, eles dançam conforme a música. Se é interessante exaltar o Lula, então, vão

exaltar. Quando era para o Lula liberar dinheiro do BNDES para cobrir dívida da Globo, exaltava, falava ‘nossa, o Lula era uma maravilha’. Quando é para meter o pau, vamos falar mal, porque não está interessando naquela ocasião. Vamos falar bem do Serra. Para mim, quase nula a credibilidade” (Ex-Estudante 14).

Um dos exemplos citados acima ilustra que alguns fatos recentes, somados à desconfiança generalizada – e provavelmente enraizada há tempos - em relação à emissora, configuram descrença. Em várias respostas, encontramos indícios de que a postura do jornalismo da Rede Globo em períodos remotos aparece como decisiva na hora de avaliar o Jornal Nacional:

“Pelo o que aconteceu com o Collor, eu fico com o pé atrás com a Globo, então, eu dou 2,5, vai” (Ex-Estudante 9).

Entretanto, é importante mencionar que, de acordo com alguns respondentes, uma suposta melhora na postura da emissora em relação ao passado é que faria com que ela merecesse uma avaliação média e não baixa:

“Acho que 5,0, média credibilidade, na minha opinião (...). Acho que ela melhorou. Por isso eu falei: acho que as críticas vieram e eles falaram: ‘Olha, a gente não pode fazer mais isso por que se não a gente vai cair, tal’ e outra coisa: a concorrência aumentou muito, né? Antes a Globo era única, então quem fazia debate, era a Globo. As outras nem tentavam fazer isso, na época. As pessoas não assistiam, as pessoas assistiam Globo. Bem, agora você o crescimento das emissoras, então, agora eles ficaram espertos” (Ex-Estudante 7).

A demarcação político ideológica conservadora das edições do Jornal Nacional – ou seja, a diferenciação supostamente dada pelo noticiário, em temas da política – também aparece em algumas respostas como fator para que a credibilidade seja avaliada como baixa. O Jornal Nacional privilegiaria a elite, em detrimento de setores populares e/ou tidos como de esquerda, segundo exemplos citados por alguns dos respondentes:

“... quando não tem um drama político muito sério envolvido, então, você consegue manter certa credibilidade. Mas quando tem... Por exemplo, nas eleições, ninguém falou do filho que o Fernando Henrique Cardoso tinha fora do casamento. E o que se explorou da questão do Lula na primeira campanha! Agora, o filho do Renan. Então, eles exploram ao máximo. E que ideologia é essa? É mais uma ideologia de elite, mesmo, e de poder e tal, de não aceitar que um presidente que é nordestino e pobre tenha levado para o governo sindicalistas, isto é, pessoas que não são da elite. (Ironiza:) ‘Como pode, a gente aqui sendo governado pelos pobres? A gente quer um a democracia sem povo, né? Uma democracia...’ Eles querem a democracia, mas não querem a participação do povo. Então, é uma coisa bem conservadora mesmo, reflete a idéia da elite brasileira” (Ex-Estudante 3).

“A gente fala muito da época da ditadura, mas há um fato muito mais recente, de 1995, de 1997, que foi quando teve o assassinato dos sem terras, em Eldorado dos Carajás e que a Globo fez exatamente a mesma coisa. Quer dizer, ela teve a matéria e a forma como ela mostrou, dava a impressão clara de que os sem terras atiraram primeiro, que os sem terras foram para cima da polícia e que, só depois, na semana seguinte, quando saiu a reportagem na Veja, é que todo mundo viu o que aconteceu... - todo mundo não, os que lêem a Veja, que são bem menos do que os

que assistem o Jornal Nacional. (...) Humm... se for pensar em bom jornalismo, eu daria o” (Ex-Estudante 1).

Em alguns depoimentos, os respondentes fazem questão de deixar claro que as informações transmitidas ao público pelo Jornal Nacional não são necessariamente incorretas, nem mesmo pode-se dizer que sejam mentirosas. Mas, asseguram, certamente são manipuladas:

“Ela é tendenciosa. A credibilidade dela é o pensamento da emissora. Quando está dizendo credibilidade está querendo dizer o que? Se o que eles informam é correto? Se é verdade? Ou se é tendencioso ou não? Para o tendencioso, é zero (o). Mas se é verdade o que eles falam? É uma faceta da verdade. Eles não mentem sobre o que estão falando. Eles estão falando uma verdade, só que é totalmente tendencioso. Se dá para pegar uma informação do JN e acreditar naquilo que eles falaram e pronto, e tomar como verdade aquilo? Não dá. (...) Eles não falam mentira, mas a verdade que lhes convêm. A verdade é formada por várias facetas, e eles apresentam uma, que é a que lhes interessa. Não é mentira aquilo. É um ponto de vista, mas é um só. E isso para o jornalismo, é a morte” (Ex-Estudante 15).

“Recuso bastante. Joga bem para baixo (a nota), tipo 1,5. Porque eles não erram quando dizem o nome dos políticos e dos partidos, então, está dando informação correta. Agora, é evidente que há manipulação” (Ex-Estudante 12).

A forma pouco aprofundada de dar as notícias também influencia a opinião de alguns desses entrevistados:

“Jornal na tevê tem que ser supérfluo, mas ele (Jornal Nacional) não aprofunda nada. Agora,

como uma informação geral do que está acontecendo, ele é bom até”. (Ex-Estudante 9)

“É nota 2,0. Porque quando eu assisto Jornal Nacional, eu já muito provavelmente li essas matérias nos jornais impressos, em revistas, e no Jornal Nacional é muito superficial. Antes de ser manipuladora é muito superficial. Então, não me agrega. Não tem muita credibilidade, mesmo porque, vem da Globo”. (Ex-Estudante 14)

“Da Rede Globo aberta, eu acho que o Jornal Nacional é ainda seu pior produto (...). É só ver como o Jornal Nacional é paginado. Por exemplo, as manchetes, depois ele fala um pouquinho desses dissabores da política brasileira, vai para o internacional. E termina como? Mostrando gol, mostrando desfile para que as pessoas possam fazer bem a digestão do jantar e se preparar para consumir a novela. Quer dizer, não se faz um jornalismo no sentido pleno (...) nesse sentido, a nota: 2,0” (Ex-Estudante 5).

Mesmo entre os que atribuíram notas relativamente boas, estão presentes algumas críticas. Aqui, a superficialidade da abordagem ou a falta de clareza, também aparecem. É um dos aspectos mais apontados como negativo, propiciaria pouca oportunidade de provocar reflexão no público.

“As notícias são incompletas, sempre. Vamos dizer assim, para mim, é como se fosse o cabeçalho e que depois eu tenho que recorrer a outros jornais, revistas para ampliar um pouco a visão daquilo que foi noticiado, ou fazer o uso de outros canais, para completar a informação. (...) No campo político, olha, eles colocam um comentarista ali, hoje, que é mais um cronista. Ele não chega a ser comentarista, ele é um cronista. Mesmo os comentaristas, fazem comentários muitos superficiais. Então, eu daria, pelos comentadores políticos, 5,0. Acho que, sendo boazinha!” (Ex-Estudante 2).

“Eu acho que assim, eu penso que a Globo cresceu bastante, eu acho que em termos de estrutura ela tem uma estrutura boa, em termos da imagem como um todo ela sabe trabalhar essa imagem como um todo, mas eu acredito assim que ela ainda tenha algumas pessoas um tanto quanto despreparadas para estarem atuando (...). Eu acho que eles são muito superficiais, a abordagem muito superficial. Eu acho que eu daria no máximo 6,0” (Ex-Estudante 4).

“No campo político o Jornal Nacional reflete muito pouco. O JN deveria realizar mais matérias. Eu ficaria em uma avaliação até uns 6,0, no máximo” (Ex-Estudante 13).

“Acho que hoje o Jornal Nacional foi obrigado a mudar muito. Ainda acho que tem um pouquinho de coisa que eles deveriam ser mais claros com a notícia. (...) Acho que está melhorando, mas tem um longo caminho a ser seguido. (...) É obvio que continua havendo uma série de interesses e sempre vai haver. (...) Pelo tanto que ela ainda pode fazer, a nota tem que ser um 6,5. Pode ser muito melhor. Não pelo que ela faz. Se você comparar, como era e como é, tem que subir isso aí e chegar a um 8,0. Mas no caminho que ela tem que percorrer, é um 6,5” (Ex-Estudante 11).

“Coloco 7,5. Como eu acho que ela só informa, ela não faz uma investigação, se eu quero me aprofundar a respeito de algum assunto, vou ter que buscar outras fontes. Então como é que fica a credibilidade dela, com relação a somente me informar? Acho que fica em uma situação mediana, porque a conclusão é minha. Ela não está me colocando coisas além. Quer dizer, se eu olhar em uma revista, um outdoor, eu se olhar o Jornal Nacional, eu praticamente vou ter o mesmo tipo de mensagem, por isso que eu acho que em nível de credibilidade, justifica o fato de eu ter migrado para a TV fechada, onde eu possa escolher um canal de notícia, de ver comentários

não só nacionais como internacionais” (Ex-Estudante 16).

Alguns entrevistados separam rigidamente a empresa (Globo) e os profissionais que nela trabalham, ao avaliar a credibilidade, isentando-os. A nota para a credibilidade seria, desse modo, relativamente alta, em função da qualidade dos profissionais, mas é relativizada em função da “estrutura” à qual estariam atrelados, aqui interpretada como empresa jornalística para a qual esses profissionais trabalham. Nenhum dos depoimentos depreciativos incidiu diretamente sobre os profissionais. Ainda que de modo discreto, sobressai uma distinção entre proprietários (ou cúpula) e empregados da emissora. O trecho abaixo exemplifica o reconhecimento das qualidades profissionais:

“Se avaliar jornalisticamente o Jornal Nacional, ou seja, sua parte de apuração, de produção, de possibilidade tecnológicas que ele tem, eu ficaria entre 8,0 e 8,5. (...) como o principal noticiário nacional que nós temos, ele possui credibilidade porque é feito de uma maneira competente por jornalistas sérios. Ele possui sua plástica, seu show, sua rapidez, (...) ele é, sim, o principal noticiário brasileiro, ponto. Mas, se avaliar a questão de interesse, a questão política, econômica, que envolve toda estrutura do Jornal Nacional, essa nota acaba caindo” (Ex-Estudante 13).

“Existe um monte de profissionais que estão lá para ganhar a sua vida e fazer um trabalho sério, tentando fazer um jornalismo sério. Só que eles não tem poder de colocar isso no ar; isso (que não foi) determinado pela direção, entendeu?” (Ex-Estudante 3).

Prosseguindo, pedimos que avaliassem a cobertura, pelo Jornal Nacional, das últimas eleições presidenciais (ocorridas em 2006). Perguntamos se julgavam que foi equilibrada entre os candidatos ou desequilibrada (variando na forma, conforme o candidato ou sigla); se o Jornal Nacional se manteve imparcial ou pode-se dizer que apoiou ou desabonou algum candidato. Pedimos aos entrevistados que justificassem suas respostas, apoiando-as, preferencialmente, em fatos. Um dos entrevistados alegou não ter acompanhado o Jornal Nacional no período eleitoral e que, portanto, preferia não opinar. Os outros quinze ex-estudantes exprimiram seu ponto de vista. As respostas seguiram diferentes tendências. Para dois dos respondentes, ao longo do período que antecedeu as eleições, o telejornalismo da Rede Globo apresentou tanto momentos de equilíbrio, quanto de parcialidade:

“Teve um momento que eu achei que ela estava equilibrada, ou seja, dando apoio a todos os partidos e em alguns momentos, ela teve alguns posicionamentos diferentes. Eu acho que naquele primeiro bloco, ainda, ela conseguiu ser um pouco mais apartidária, mas posteriormente eu acho que ela acabou tomando alguns rumos diferentes, rumo naquilo que de acordo lhe convinha (...) Teve momentos que ela deixou claro que poderia estar com o Alckmin, como teve momentos que ela também deixou claro que é Lula. Então, de acordo com o que foi a condução de todo o processo, era que ela fazia o encaminhamento...” (Ex-Estudante 4).

“Eles até equilibraram em termos de espaço. Vamos dizer assim: o Jornal Nacional, no sentido de dar espaço, de não atacar candidato, ele foi imparcial, foi equilibrado. Mas foi desequilibrado no sentido de não trazer à tona matéria

investigativa. Faltou matéria investigativa. Ele (Jornal Nacional) deu espaço para todos, mais faltou confronto. Porque quando um candidato confronta outro, é briga política. Mas quando o jornalista confronta, fica um pouco mais impessoal” (Ex-Estudante 11).

Segundo a observação desse respondente (reproduzida acima), se houve menos parcialidade, faltou ao telejornalismo o aprofundamento. Apesar do equilíbrio de espaço aos candidatos, a ausência de confronto de idéias entre os presidencializáveis aparece como um ponto negativo.

No total dos ex-estudantes entrevistados, seis afirmaram que a cobertura pode ser classificada, de modo geral, como equilibrada. Alguns exemplos:

“Acho que ela foi equilibrada, desta vez ela foi equilibrada. Mas desta vez ela estava em uma situação em que não poderia agir de forma diferente, ou tão ostensivamente contra o Lula, vamos dizer assim” (Ex-Estudante 2).

“Não senti apoio nenhum. (...) Eu não acho que eles foram parciais, eu acho que houve imparcialidade” (Ex-Estudante 10).

“Acho que foi equilibrada até. (...). Para mim não ficou nítido. Não consegui identificar se a Globo estava do lado de alguém” (Ex-Estudante 14).

Enquanto que, para outros sete entrevistados, ao contrário, a cobertura das eleições presidenciais de 2006, pelo Jornal Nacional, não foi equilibrada. A esses entrevistados, perguntamos em que direção apontava essa parcialidade, ou seja, esse suposto

desequilíbrio. Mais uma vez, houve diversas tendências de respostas.

Segundo dois desses sete entrevistados (que julgaram que não houve equilíbrio no tratamento dado às candidaturas), o Jornal Nacional talvez tenha tido uma tendência a beneficiar Luís Inácio Lula da Silva (PT):

“Eu não lembro muito bem, mas acho que a emissora ‘puxou sardinha’ pro Lula” (Ex-Estudante 6).

“Eu acho que tinha uma certa tendência para o Lula, pelo Jornal Nacional e pela Globo como um todo” (Ex-Estudante 9).

Para outros quatro entrevistados, o noticiário da Rede Globo tendia a apoiar Geraldo Alckmin (PSDB). Para alguns, isso aparece como uma impressão; para outros, essa opinião aparece de forma convicta. Seguem-se trechos que exemplificam ambas as situações:

“Na cobertura, fora dos debates, de uma maneira muito sorrateira, vamos dizer assim, ela dá privilégios fortes a um candidato ou a outro. Não na forma editorializada explícita, mas torna implícito um tipo de apoio, trabalhando nessa cobertura aparentemente equilibrada, com determinadas regalias para um e não regalias para outro. (...) Implicitamente, acho que (apoiou) o Alckmin” (Ex-Estudante 5).

“Foi desequilibrada – a favor do candidato do PSDB. Eu acho que eles apoiaram o Alckmin” (Ex-Estudante 8).

“Desequilibrada, a favor do Alckmin. Imparcial, eles nunca são, nenhum veículo é imparcial. Mas uma coisa é você ter um veículo que busca a isenção, ser o mais isento possível, ser mais equilibrado, eqüidistante. Agora ele (Jornal Nacional) não procurou. Para você ter uma idéia, quando o delegado Bruno vazou a foto do montante de dinheiro para pagar o dossiê contra

o PSDB - o delegado 'vazou' -, as duas emissoras que chegaram primeiro para dar o fato foram a Rede Globo e o Comitê de campanha do Geraldo Alckmin. Quer dizer, como eles chegaram juntos lá e as outras emissoras não ficaram sabendo? Então isso mostra alguns detalhes de que foi um jornalismo bastante comprometido” (Ex-Estudante 3).

“Nessa eleição (2006), a Globo era pró Geraldo Alckmin, tranqüilamente. Em vários momentos. Não foi tão evidente como foi lá atrás, com o FHC, naquela eleição que foi Lula e FHC. Tanto na primeira, como na segunda vez, ela foi descarada. Desta vez, embora tenha sido assim... uma coisinha mais envergonhada, mas era, sim, pró Alckmin” (Ex-Estudante 1).

Por fim, ainda focalizando os que julgaram que não houve equilíbrio, houve um entrevistado para quem não houve apoio expresso do telejornalismo da Globo para um candidato, mas percebia-se uma excessiva exposição de notícias que poderiam prejudicar a candidatura Lula:

“É que não era visto como campanha, mas, na época da campanha, as acusações que se faziam contra o governo Lula - que eram acusações muito sérias de corrupção, e que a Globo o tempo todo fez uma ampla a cobertura a respeito disso - . E ela fez em época de campanha. Também, não tinha como não fazer. Todos os veículos fizeram” (Ex-Estudante 15).

Esse entrevistado, no entanto, busca problematizar os possíveis efeitos da exposição de uma situação ou de uma candidatura, em pleno período eleitoral. Ao expor sua reflexão,

explica que a relação entre uma cobertura jornalística e a opinião pública não possuem relação direta, unívoca:

“Não sei se foi favorável ou desfavorável. O nível de informação da população brasileira é uma incógnita tão grande que o tempo de exposição na mídia, mesmo que seja negativamente, como no caso do Lula, a gente não sabe até que ponto isso (é favorável). Até que ponto a mídia tem esse poder? Porque se tivesse, o Lula não teria sido reeleito. Será que as pessoas não entenderam a história de mensalão? Será que estavam atreladas aos programas assistencialistas, com essas bolsas, e não acreditaram? Ou corrupção virou um lugar tão comum, que dar um dinheirinho para um deputado é normal, foi considerado aceitável pela população? Então, como essa população recebe essa notícia, é questionável. Falou-se tanto mal do Lula e ele ganhou no 1º turno. Se dependesse só da cobertura da mídia, ele teria perdido” (Ex-Estudante 15).

Por parte de alguns entrevistados, houve um reconhecimento tácito de que o telejornal melhorou, em termos de imparcialidade, em relação a episódios anteriores. O temor às críticas recebidas pela Globo, no passado, está entre os motes para mudanças:

“Acho que foi equilibrada. Acho que a Globo aprendeu a lição. Ela está aprendendo. Então, ela não está tentando mais fazer isso (ênfase parcial). Eu acho que a direção do jornalismo mudou também. E, com isso, a Globo aprendeu, ela não está mais fazendo isso porque ela sabe que vai ser malhada depois. Principalmente, esse é o pior medo. Não que ela não queira manipular, mas acho que agora ela sabe que ela não pode, a crítica vem logo em seguida” (Ex-Estudante 7).
“Acho que a própria Globo aprendeu. Acho que ele (Jornal Nacional) foi imparcial, teve uma

contribuição importante no debate” (Ex-Estudante 13).

A recente conformação geral no quadro político brasileiro também é apontada como razão para mudança de postura do telejornalismo nas eleições presidenciais na última década; sugere-se que a ação de setores da esquerda - representados pelo PT - aparece como menos assustadora, em relação a períodos anteriores, que teriam marcado o final dos anos 80 e parte dos 90:

“Eu veria como mais equilibrada. Porque não havia em 2006 projetos antagônicos de ponto de vista de modelo de sociedade em relação aos dois principais candidatos, o Lula e o Alckmin. O Lula já não assustava mais a Rede Globo como assustava em 89. então não teria problema deixar, permitir não apoiar o Lula. Ao mesmo tempo, há vocação governista da Globo, que já tinha se articulado bem com o Palácio do Planalto no primeiro mandato do presidente Lula. Então o Lula não era mais uma ameaça, Collor se entrasse também não seria uma ameaça, ou grande dificuldade. Quando o Brizola saiu de cena, a Globo ficou livre de um espinho a ser trabalhado” (Ex-Estudante 12).

Especificamente em relação ao Jornal Nacional, entre as melhoras, em termos de credibilidade, são apontados: exibição de debates na íntegra e não a apresentação de edições e/ou compactos; aumento da presença de jornalistas com imagem de credibilidade, seja como mediador de entrevistas com os candidatos, seja conduzindo matérias relacionadas ao processo eleitoral de forma geral; maior espaço a candidatos que, no passado, talvez tenham sido preteridos por representarem partidos de esquerda. Exemplos: “Eles (Rede Globo) mostraram na íntegra o debate (entre os presidentiáveis), muita gente opinou” (Ex-Estudante 10).

“Uma atuação que eu vi bem foi a do William Bonner. Acho o Bonner um ótimo entrevistador e eu acho que a Globo ganhou muito com ele. Acho que a credibilidade da Globo ganhou muito quando jogou isso no Boner. Ele tenta fazer o melhor possível, acho” (Ex-Estudante 7).

“Teve aquela caravana nacional do Pedro Bial, que até ganhou prêmio internacional. Foi uma contribuição bastante importante. Hoje, nessas últimas eleições, ela foi imparcial, com certeza. Ele (Jornal Nacional) teve a mesma proporção de imagens, de quantidade, de qualidade. Acho que o Jornal Nacional aprendeu” (Ex-Estudante 13).

“Ela (Rede Globo) foi mais imparcial. Eu acho que o Lula teve mais espaço no Jornal” (Ex-Estudante 9).

Considerações Finais

Conforme exemplificamos, a seção inicial da sondagem revelou certa indiferença - a maioria desconhece ou não se lembra de detalhes - em relação ao “Fora Collor”. Esse desconhecimento permite inferir que, se um ângulo particular de visão a respeito daquele período histórico se difundir com maior êxito do que as tradicionais aulas de história dadas nas escolas, talvez seja baixa a capacidade crítica para contestá-lo. O conhecimento que os estudantes entrevistados revelaram se mostra fragmentado ou descontínuo - alguns sabem que o “Fora Collor” representava um movimento de protesto, sabem referir exatamente seu sentido; outros, revelam um nível muito superficial de conhecimento dos fatos. Relembre-se que, quase nenhum dentre essa amostra de entrevistados soube citar nomes de quem teria sido contrário ou

favorável ao movimento “Fora Collor”, o que indica uma lacuna sobre a correlação de forças político partidárias, num período não tão recente de nossa história, e cujos desdobramentos estão inter-relacionados ao presente. Nota-se, também, a quase completa desinformação no que se refere aos dilemas enfrentados pela imprensa, naquele momento de retomada, por assim dizer, dos rumos democráticos no país. O papel desempenhado, e a respectiva crítica, a grandes empresas de comunicação, em particular, a Rede Globo, não fazem parte do repertório de informações dos futuros jornalistas, publicitários e relações públicas entrevistados. Desse modo, fatos muitas vezes desconexos ou descontextualizados já passam a integrar a bagagem cultural dos estudantes e talvez não encontrem maiores obstáculos para ser assimilados como a versão histórica dos acontecimentos. Haja vista a convicção, expressa de um dos entrevistados, segundo a qual, a Rede Globo teria promovido o “Fora Collor”.

Inúmeras polêmicas se estabeleceram, ao longo dos anos imediatamente pós-ditatoriais no Brasil, em torno da censura e da auto-censura, bem como das formas de manipulação da informação em telejornalismo (pela rapidez das edições, impacto das imagens, junção de temas, espaço reduzido e/ou editado etc.), quando referido ao delicado terreno das disputas partidárias pelo poder, em regimes democráticos ou não. Assim, na atualidade, surpreende-nos que alguns dos entrevistados tenham a convicção de que o movimento “Fora Collor” teria sido apoiado pela Rede Globo. Isso

nos parece um indício de que novas identidades coletivas vêm sendo construídas¹⁰.

A seção de perguntas dirigidas à atualidade, no que se referiu ao Jornal Nacional, revela tendências marcadamente contrastantes, se considerarmos comparativamente estudantes e ex-estudantes de comunicação social. Embora a sondagem entre os estudantes indique uma surpreendente variedade de opiniões no que se refere à credibilidade do telejornalismo da Rede Globo, o espectro de conceitos atribuídos ao telejornal está situado entre notas médias a altas, enquanto que, entre os ex-estudantes, as notas atribuídas ficaram entre as médias e baixas. Nenhum estudante deu nota zero ao Jornal Nacional e nenhum ex-estudante lhe atribuiu nota 10,0, em credibilidade. Talvez já se manifestem indícios de mudança de olhar em relação à emissora.

Marcas de que teria havido sensíveis transformações na forma da Rede Globo atuar jornalisticamente, também se vêem. Tomadas, particularmente, as impressões de todos os entrevistados sobre as recentes eleições presidenciais (2006), nota-se grande sintonia entre as tendências verificadas: nas duas amostras, a maioria julgou que o telejornalismo da Globo manteve-se equilibrado. Também em ambos os grupos de entrevistados apareceu a convicção contrária: de que o Jornal Nacional não se manteve imparcial; e, ao apontar em que direção ele teria tendido, tanto estudantes quanto ex-estudantes mostraram-se divididos: há

¹⁰ Segundo Martín-Barbero & Rey (2001), nos processos de 'des-construção' e 're-construção' das identidades coletivas, estaria sendo travada a estratégica batalha cultural do nosso tempo.

quem julgue que houve apoio à candidatura Geraldo Alckmin, mas, também quem ache que o suposto beneficiado pode ter sido Lula.

A mera ausência de unanimidade – nas duas amostras – já evidencia uma novidade. Em outros tempos, o senso comum indicava sem ressalvas ou dúvidas a quem pertenceria, supostamente, a preferência da cúpula da Globo.

Assim, vemos um conjunto de vetores que indicam para a eficácia, ao menos parcial, dos processos de mudança de imagem da Globo perante o público. Se plausível a nossa hipótese, essa eficácia se vale, simultaneamente, de alguns fatores conjugados: o esforço de mudança de imagem empreendido pela Globo, tanto na esfera prática (que produziu modificações na forma de se referir aos temas eleitorais, buscando tanto os novos formatos para exposição de programas de diferentes candidatos, quanto deixando de exibir edições de debates) quanto na produção de obras que reúnam e divulguem seu acervo e sua forma de recontar a história do Brasil, a partir da memória de seu telejornalismo. E que se beneficia da difusão de ações no campo da solidariedade a setores sociais tidos como carentes (a exemplo do Criança Esperança) e no *merchandising* social. Mas que, sem dúvida, somente começam a se consolidar graças à escassa memória coletiva dos acontecimentos históricos, particularmente os da fase de redemocratização, marcada pelo desconhecimento por quem não vivenciou o período, e talvez, também pelo esquecimento por parte dos demais.

Referências

BUCCI, Eugênio. **Brasil em tempo de TV**. São Paulo: Boitempo Editorial, 1996.

CONTI, Mário Sérgio. **Notícias do Planalto**. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

JORNAL NACIONAL - A Notícia faz história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

MARCONI, Maria A. e LAKATOS, Eva. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1982.

MARTÍN-BARBERO, Jesus & REY, Germán. **Os exercícios do ver - Hegemonia audiovisual e ficção televisiva**. São Paulo: ed. Senac, 2001.